

MULHERES EM ABISMO, DE MARIÂNGELA ALONSO

WOMEN IN THE ABYSS, BY MARIÂNGELA ALONSO

MUJERES EN EL ABISMO, DE MARIÂNGELA ALONSO

Eduardo Neves da Silva¹

RESENHA

Publicado em agosto de 2024 pela editora Appris, *Mulheres em abismo*: a personagem feminina em Marques Rebelo, é o quarto livro de Mariângela Alonso. O estudo é resultado do segundo pós-doutorado desenvolvido pela pesquisadora no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo, entre os anos de 2021 e 2023.

Após uma longa trajetória dedicada à obra de Clarice Lispector, a pesquisadora volta-se a um escritor importante para as letras brasileiras, porém, pouco estudado atualmente, o carioca Marques Rebelo (1907-1973) e sua trilogia *O espelho partido*, obra que abrange desde o início do ano de 1936 até meados de 1944.

Mulheres em abismo destaca as figuras femininas que surgem do diário de Eduardo, escritor carioca e possível alter-ego de Rebelo, mostrando como tais personagens, construídas ao mesmo tempo pelo excesso e pela falta, bem como pela marginalidade com que se defrontam, apresentam como engrenagem principal de seu funcionamento o jogo entre reproduções imperfeitas, como o ato de montar e desmontar *matrioskas* ou bonecas russas, revelando-se em camadas. Em suas peculiaridades antissociais, toca-lhes ou o destino trágico ou o triste apagamento social.

O estudo de Alonso nos mostra que ao mobilizar as diversas personagens femininas e retomá-las de obras anteriores à trilogia, a pena de Rebelo amplia as interações e os conflitos dramáticos. Pertencentes a diferentes classes sociais, essas mulheres revelam-se aprisionadas e deslocadas em cotidianos alienantes, com caracterizações e abordagens espelhadas a cada episódio, realçando desde *Oscarina*, obra de estreia do autor, um traçado que culminaria na escrita de *O espelho partido*.

A ambivalência de posições e os deslocamentos subjetivos a que são submetidas as mulheres da obra resultam em passagens duplicadas como num jogo de espelhos partidos, - daí o "abismo" contido no título -, que implicam muitas vezes a renúncia e a autodestruição de tais personagens.

¹ Universidade de São Paulo (USP), Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8941-8494>.

A fim de abranger esse complexo movimento, a leitura de Alonso apoiou-se na chamada *mise en abyme*, procedimento reflexivo e seminal da literatura moderna, conceito que a pesquisadora vem se debruçando desde seu doutoramento, quando enfocou a obra de Clarice Lispector. No entanto, não se trata de uma mera reprodução ou aproveitamento das ideias de sua tese, mas, de uma visada mais ampla em torno da teoria central da *mise en abyme*, elaborada na década de 1970 pelo suíço Lucien Dallenbach, teórico incontornável sobre o assunto.

Ao dialogar com as formulações dos estudiosos da Université du Luxembourg, local onde as pesquisas em torno da *mise en abyme* têm se mostrado mais operantes, o livro de Alonso atualiza o conceito, oferecendo a contemplação de situações vertiginosas, pelo espelhamento e bifurcação das personagens examinadas.

Nesse sentido, o estudo permite-nos observar os diversos conflitos das figuras femininas em diferentes classes sociais, bem como as ocorrências políticas do Brasil e do mundo nas páginas de *O espelho partido*. Assim, o enfrentamento do problema, visto que não se trata somente de observar as personagens como simples *matrioskas*, reside sobretudo no gesto que procura capturá-las como sujeitos, na condição histórica de mulheres, vivendo num ambiente patriarcal e hostil a todas elas.

Do conjunto, temos a estruturação tripartite com a introdução seguida de dois capítulos. Intitulada “O espelho, o prisma e o mosaico”, a introdução parece formar o centro teórico que dará força às análises ao longo do estudo. Nela, Alonso lança as bases argumentativas que oferecem substrato à pesquisa que vem desenvolvendo nos últimos anos. O que interessa à ensaísta não é o vezo enciclopédico a fim de apenas mapear um sem-número de autores e obras sobre a *mise en abyme*, mas, antes, as relações que se estabelecem entre esse conceito e seu ajuste à abordagem da obra rebeliana. Desse modo, a estudiosa convoca vozes decisivas da teoria, observando as implicações iniciais com a heráldica e a percepção gidiana, passando pelas famosas *matrioskas* russas e as narrativas em encaixe, até as relações mais recentes e transpositivas com os fractais matemáticos.

No capítulo “Cornucópia de mulheres”, Alonso enfoca a infinidade de personagens femininas da trilogia rebeliana, optando pela divisão em função da diversidade social e psicológica de tais mulheres, ao separá-las em três grupos: “Liberais e desviantes”; “Rainhas do lar” e “Crianças duplicadas”. Quanto ao primeiro, fazem parte as amantes do narrador Eduardo, bem como as famosas cantoras de rádio da época. As personagens deste grupo permitem ao leitor a constatação de que nem todas as mulheres subjetivavam-se como mães e esposas ou solteiras resignadas a uma vida solitária e dedicadas aos cuidados familiares. É o

caso de Aldina, Catarina, Maria Berlini, Júlia Matos, entre outras, as quais carregavam em seus corpos sentimentos ambíguos e desejos não enquadrados no casamento e na maternidade.

Por outro lado, com as “Rainhas do lar”, Alonso nos mostra as mulheres marcadas pelo confinamento doméstico e repressão social. Em sua maioria, tais personagens seguem aqui os valores e a moral vigentes para o tempo, com o desejo de amparo por meio do casamento. Entretanto, como nos mostra a pesquisadora, essa configuração pode apresentar algumas nuances, como as tentativas de emancipação pelo trabalho livre e o acesso à escolarização de algumas das mulheres aqui abordadas, como Luísa e D. Marcionília Peçanha. Finalmente, o grupo das “Crianças duplicadas” destaca-se pelas personagens femininas infantis, como Cristianinha, Vera, Elisabete e Natalina, as quais ocupam um lugar emblemático nas memórias de Eduardo. Localizadas no limbo da trilogia, tais crianças reafirmam o jogo de espelhos que configura a obra rebeliana, de modo a resgatar, em *mise en abyme*, episódios e caracteres decisivos da trama. A partir da diversidade de personagens analisadas, Alonso discute as variantes dos comportamentos femininos, mostrando que a obra de Marques Rebelo insere o leitor no contexto da época, além de dialogar com questões ainda atuais.

Intitulado “O autor *en abyme* ou a consciência autoscópica”, o segundo capítulo dedica-se a observar o próprio escritor Eduardo e seu diário ficcional, ao mesmo tempo em que resgata a ficção precedente de Marques Rebelo. Conforme aponta Alonso, a trilogia apresenta em seus princípios a mescla de elementos autobiográficos e ficcionais. A partir dos conceitos inovadores de autoscopia, retirado da neurociência, e de “autor *en abyme*”, parte integrante das teorias mais recentes da *mise en abyme*, a autora atualiza o aparato teórico, ao discutir o exercício literário rebeliano como uma espécie de escárnio ou autoflagelação que permeia os limites da escrita e seu próprio poder demiúrgico.

Por todos os aspectos aqui elencados, *Mulheres em abismo*, de Mariângela Alonso, propicia aos leitores, pelos detalhes e riquezas das análises, o exame da problemática feminina e a perspectiva teórica do método da *mise en abyme*, além de recolocar em discussão a obra de Marques Rebelo. Enfim, trata-se de importante contribuição à fortuna crítica do autor, bem como à Teoria Literária, com novos pontos de vista surgidos a partir da abordagem inovadora da *mise en abyme*.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Mariângela. **Mulheres em abismo:** a personagem feminina em Marques Rebelo. Curitiba: Appris, 2024.

SOBRE O AUTOR

Eduardo Neves da Silva

Doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP, 2018), onde também se graduou em Filosofia (2016). Licenciado em Letras (2010) pela UNESP-FCLar e mestre em Estudos Literários pela mesma instituição (2013). Membro do Conselho do Núcleo de Produção e Pesquisa em Audiovisual (NUPEPA/ImaRgens/FFLCH/USP).

E-mail: oedubros@gmail.com

Artigo recebido em 13/12/2024.

Artigo aceito em 19/05/2025.